

UMA LUZ NA JANELA

Faith Andrews Bedford
NA REVISTA COUNTRY LIVING

O dia da mudança estava chegando ao fim. A van desceu a rua fazendo barulho e deixou-nos ali, com três crianças famintas, uma gata assustada e uma montanha de caixas para desempacotar. Nossa casa nova parecia abandonada e solitária. O vizinho mais próximo ficava a 1,5 km, rua abaixo. Era possível ver uma luz através da floresta, fraca e bruxuleante.

Nesse momento, escutei um barulho de rodas sobre o cascalho: um pequeno caminhão parou ao lado do celeiro. Quando abri a porta de minha casa, fui saudada por um sorriso caloroso. Nossa nova vizinha, Marian, trouxe-nos jantar, amizade e conselhos.

Meu pequeno caderno de endereço, cheio de nomes e números de que uma família necessita para ter bom êxito, não eram úteis nesse novo local. Fiz muitas perguntas a Marian. Qual era o melhor veterinário? Onde poderia achar esterco seco para o jardim? Havia um bom encanador na cidade?

Fiquei sabendo, para meu desalento, que o dentista mais próximo ficava a 60 km. Marian, porém, me assegurou que a estrada até lá era maravilhosa.

Ela estava certa. Quando nos dirigimos para o vale, bem abaixo, as montanhas estavam esplendorosas com as cores do outono. Bordos-doces margeavam o velho muro de pedra, e salgueiros debruçavam-se sobre o riacho que corria ao lado da estrada sinuosa. Vacas pastavam nos campos dourados. As minhas vacas prediletas eram as Galloways cintadas cuja faixa branca, bem no meio de seus corpos negros, me fazia pensar nos biscoitos de chocolate recheados com baunilha.

Sáímos do consultório do Dr. Thomasson já anoitecendo. Quando passamos o limite da cidade, Drew perguntou-me: "Por que todas as casas têm uma vela de Natal à janela, se ainda nem comemoramos o dia 31 de outubro, o balloween?"

Lembrei que a Festa da Maçã de Syndersville aconteceria na semana seguinte, e que havíamos planejado ajudar com a prensagem da cidra. Talvez essas velas fossem alguma tradição, parte das festividades.

Naquele fim de semana, quando chamei a gata para dentro, Kate não veio. Ela estava confusa desde que nos mudamos. Miava desamparada pela casa com a qual não estava familiarizada. Na manhã seguinte, ela ainda não havia aparecido.

Depois, quando o inverno chegou, as crianças ficaram preocupadas com Kate. Tentei consolá-las, dizendo que ela provavelmente já encontrara um bom celeiro, bem quentinho, para passar o inverno. E, como acontece com os ursos, ela estava hibernando.

A época de arar a terra foi adiada devido à grande quantidade de lama. Assim, as tarefas da primavera ficaram acumuladas. Por fim, em uma tarde agradável de março, quando os primeiros narcisos da tarde floresciam, as crianças e eu voltamos a Syndersville para comprar sapatos.

Sarah não conseguia se decidir, não sabia se ficaria com os tênis brancos ou com os vermelhos. Eleanor demorou muito apenas para encontrar um par de sapatos de festa. Quando voltamos para casa, já era tarde e estava escurecendo.

– Olhe – disse Eleanor, quando nos aproximávamos da área periférica de Syndersville –, essas casas ainda têm a luz à janela.

Vimos que quatro ou cinco casas do lado esquerdo e três do lado direito tinham uma única vela acesa. Perguntei a Marian se ela sabia a razão, e ela me explicou:

– É uma tradição, sempre foi assim.

Depois, riu e completou:

– Esta é uma resposta habitual a muitas coisas que acontecem por aqui.

No mês seguinte, enquanto o Dr. Thomasson tratava os dentes das crianças, perguntei à enfermeira que trabalhava para ele se ela sabia a resposta para esse mistério.

Ela apenas deu de ombros e disse:

– É uma tradição, sempre foi assim. Disfarcei um leve sorriso.

– Com licença – disse alguém atrás de mim.

Virei-me, e uma senhora idosa que usava um vestido verde e estampado, gesticulou para mim, me chamando para que me sentasse ao seu lado no sofá da sala de espera.

– Terei muito prazer em lhe explicar sobre as velas. Sou Grace Harding e moro na última casa do lado esquerdo. Sabe, a vermelha! – Sei sim! – disse eu.

– Fiquei encantada com suas aléias de forsítias, amarelas, quando estava vindo para a cidade.

– Quarenta anos atrás, quando me casei com Henry e vim morar aqui em Syndersville, as primeiras pessoas a nos dar as boas-vindas foram os Johnsons, Clem e Anna. Eles tinham uma casa de fazenda um pouco afastada da estrada.

Já reparara na construção, branca e esmerada, em meio aos celeiros e anexos. Parecia urna galinha cercada por seus pintainhos. – Eles tinham dois filhos, Arthur, o mais velho, um moço forte e prestativo que se parecia com o pai, e James, um tipo mais quieto. Este gostava muito de ler e hoje dá aulas em uma universidade estadual.

Ela sorriu para Sarah, que estava sentada ao meu lado, ouvindo atentamente a história.

– Quando nossos filhos eram pequenos, a filha deles, Mary, costumava tomar conta dos nossos, quando íamos ao cinema.

– Bem – continuou ela – quando a guerra nos atingiu, Arthur se alistou, o que deixou Anna desesperada – sabe como é, ele era o mais velho. Ele, porém, não mudou de ideia. James ficou para ajudar o pai a tocar a fazenda – suspirou ela.

– Muitos moços da cidade foram para a guerra.

Retomando a história, ela prosseguiu com sua narrativa:

– Arthur escrevia com frequência, e Anna lia essas cartas para os vizinhos. Tinha muito orgulho do filho, mas, mesmo assim, ela se preocupava com ele. As mães são assim mesmo.

Concordei com a cabeça.

– Cerca de um ano depois de ele ter partido, as cartas pararam de chegar, o que deixou Anna fora de si. Depois, um homem do escritório de guerra veio até aqui para dizer a Anna que Arthur desaparecera em um combate. Não sabiam se fora preso pelo inimigo, ou...

A voz dessa senhora ficou embargada, e ela olhava para Sarah, que segurava minha mão, bem firme.

– Naquele dia, Anna deixou a luz da varanda acesa a noite toda. Disse ao Clem que ela só apagaria a luz quando o Arthur voltasse para casa.

Alguns dias depois, notei que Ella Winter, no fim da rua, também deixara a luz acesa. E os Moores também acenderam uma luz. Quando anoiteceu, eu também deixei a luz da janela da frente acesa. Era o mínimo que poderia fazer.

– Quanto tempo a luz ficou acesa? – perguntei, embora temesse ouvir a resposta.

– Até ela morrer – respondeu a sra. Harding, com sua voz suave.

– Depois que Arthur desapareceu em combate, fui visitar Anna.

Quando estava para sair, percebi uma tira grande de adesivo sobre o interruptor da luz da varanda. Anna olhou para o adesivo e disse:

"Ninguém vai tocar neste interruptor. Uma manhã Clem tentou apagar a luz, mas eu o impedi. Disse-lhe que não dava a mínima para a conta de eletricidade".

A Sra. Harding olhou para Sarah e continuou a contar-nos sobre os acontecimentos:

– Alguns anos mais tarde, lançaram essas velas elétricas de Natal, e os vizinhos e eu começamos a deixá-las acesas em nossas janelas. Nós as acendemos para o Arthur.

Ela fez uma pausa e, a seguir, complementou:

– E para todos os outros.

– A casa da fazenda ainda está com a luz acesa? – perguntou Sarah.

– Está sim, minha querida – respondeu a Sra. Harding.

– James ainda mora na casa da fazenda, e a fita adesiva ainda está sobre o interruptor.

– A senhora acha que o Arthur ainda pode voltar para casa? – perguntou suavemente Sarah, e sua expressão era de preocupação.

– Pode ser que sim – disse a Sra. Harding baixinho.

Nessa noite, depois do jantai; ouvi um barulho no sótão e senti uma corrente de ar frio, o que era um sinal de que alguém tinha deixado a porta no topo da escada aberta.

– Quem está aí em cima? – berrei.

– Sou eu – respondeu Sarah, com a voz abafada.

Ela desceu com uma de nossas velas na mão.

– Sei que ainda não é Natal, mas eu realmente quero pôr essa vela na minha janela – disse ela, com uma expressão que era, ao mesmo tempo, esperançosa e resoluta.

– Para o Arthur? – perguntei.

– Bem, de certo modo – disse Sarah. – Mas principalmente para Kate. Talvez ela esteja perdida e precise de uma luz para que encontre o caminho de volta.

Não pude recusar esse pedido.

Depois de abraçá-la calorosamente, fui para a porta ver a vela.

Duas semanas depois, Kate voltou com três filhotes. Nunca saberemos onde andou esse tempo todo, mas ficamos muito felizes com seu retorno.

– Podemos deixar a luz acesa? – pediu Sarah, depois de acomodarmos Kate em sua cesta.

Concordei com um gesto de cabeça. Para Arthur, e para todos os outros.